

Oitocentos

Arte Brasileira do Império à República

Tomo 2

ARTHUR VALLE

CAMILA FAZZI

(ORG.)



2010

Realização da Publicação

UFRRJ
CEFET-Nova Friburgo

Organização

Arthur Valle
Camila Dazzi

Projeto Gráfico

Camila Dazzi
dzaine.net

Editoração

dzaine.net

Editoras

EDUR-UFRRJ
DezenoveVinte

Correio eletrônico

dezenovevinte@yahoo.com.br

Meio eletrônico

A presente publicação reúne os textos de comunicações apresentadas de forma mais sucinta no *II Colóquio Nacional de Estudos sobre Arte Brasileira do Século XIX*. Os textos aqui contidos não refletem necessariamente a opinião ou a concordância dos organizadores, sendo o conteúdo e a veracidade dos mesmos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

Oitocentos - Arte Brasileira do Império à República - Tomo 2. / Organização Arthur Valle, Camila Dazzi. - Rio de Janeiro: EDUR-UFRRJ/DezenoveVinte, 2010.

1 v.

ISBN 978-85-85720-95-7

1. Artes Visuais no Brasil. 2. Século XIX. 3. História da Arte. I. Valle, Arthur. II. Dazzi, Camila. III. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. IV. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Unidade Descentralizada de Nova Friburgo. V. Colóquio Nacional de Estudos sobre Arte Brasileira do Século XIX.

CDD 709

ISBN 978-85-85720-95-7





Barão do Marajó – tradução da visão de um historiador e matemático para com as belas artes no Pará

Edison Farias



 Em 1876, o Brasil sofria um dos maiores golpes de biopirataria de sua história: as sementes do seu ouro branco, por meio do artil praticado no Pará pelo Sr Henry Wickham, eram levadas para a Europa sob os auspícios do Kew Garden de Londres. As autoridades portuárias de Belém sequer imaginaram, naquele quarto de século, o impacto econômico que o simples carregamento iria trazer para a maior capital de sua Região Norte. Naquele mesmo ano a cidade também experimentava o início de um crescimento urbano, consequência das benfeitorias ocorridas no século XVIII e uma efervescência cultural que iria se prolongar até as duas primeiras décadas do século XX.

No campo cultural, o último quartel do século XIX em Belém foi marcado pelo início das Exposições Artísticas e Industriais, uma “manifestação das letras, ciencias, artes e industrias”¹ que tinha como objetivo concreto ser “um convite ao mundo inteiro para apreciarmos o que de bom temos, o que de melhor ainda podemos fazer com os recursos que esta Natureza oferece, ver a nossa hygiene e as nossas boas condições de vida”².

O evento asumia, moralmente, a missão de demonstrar ao sul do Brasil que o extremo norte sabia aproveitar a “vida de sossego” que os sulistas diziam levar os habitantes das zonas próximas ao Equador brasileiro, enfim, provar com os eventos expositivos que os Estados do norte brasileiro não eram atrasados. Paolo Ricci assinala em seu relatório³ que o certame teve início em 1876, o que não está de acordo com o que publica Ignacio Moura⁴, em 1895, no livro *A*

¹ Cf. MOURA, Ignacio. In: **A Exposição Artística e Industrial do Lyceu Benjamin Constant** – Os Expositores em 1895. Belém: Diário Oficial do Pará, 1895, p. 4.

² Idem, ibidem, p. 9.

³ RICCI, Paolo. **As Artes Plásticas no Pará**, aprox. 1978. Relatório de pesquisa não publicada constante do acervo da Biblioteca da FUNARTE, Rio de Janeiro.

⁴ Cf. ROQUE, C. In: **Grande Enciclopédia da Amazônia**, 1968, V. 4, Ignácio Batista de Moura foi poeta, jornalista, escritor, orador, professor e engenheiro. Nasceu na cidade de Cametá, Pará a 31 de julho de 1857 e faleceu em Belém a 25 de fevereiro de 1929. Formou-se Engenheiro Civil peça Escola Politécnica do Rio de Janeiro, colaborou na *Gazeta de Notícias* e em *O Paiz*. Trabalhou na construção de ferrovias em Pernambuco em 1882, regressando ao Pará em 1883. Foi um dos construtores da Estrada de ferro de Bragança. Foi político, deputado provincial, não exercendo o último mandato de deputado à Assembléia Geral por conta da queda da monarquia. Na República foi deputado estadual por várias legislaturas. Um dos auxiliares mais eficientes do governo Lauro Sodré. Era sindicalista. Membro

Exposição Artística e Industrial do Lyceu Benjamin Constant – Os Expositores em 1895: “Antes d'esta iniciativa individual já a antiga Província do Pará tinha feito uma exposição de productos paraenses em 1866, no antigo edificio do Collegio do Amparo, da qual foi presidente o Dr. Fructuoso Guimaraes, pae do actual Presidente d'esta Exposição”.

Segundo Ricci, foram quatro as exposições ocorridas em Belém, sendo que Moura, justamente, trata em seu “registro grosseiro”, segundo o autor, da exposição de 1895 que voltava a ser realizada numa instituição de ensino com a denominação de “Primeira Exposição Artística e Industrial do Lyceu Benjamin Constant”. De fato, o texto do engenheiro articulista irá confirmar que o ano de 1896 será o último ano da “feira paraense” que seguia a esteira e os objetivos das muitas feiras e exposições, da mesma natureza, que ocorriam no Brasil e pelo mundo afora, afinal, Belém vivia um processo de mudança que iria se acentuar com a queda da monarquia e com a conseqüente implantação do regime republicano num cenário de crescente urbanização das grandes capitais brasileiras.

O Brasil, ressalte-se, vivia clima de esperança no progresso industrial e Belém buscava sua hegemonia junto às cidades da Região Norte na busca histórica de não ser considerada uma cidade provinciana, atrasada, categoria que tanto a incomodava. Nesse contexto, as artes não poderiam ficar de fora de um certame dessa natureza, afinal, deveria “a velha dama” continuar acompanhando seu solícito companheiro, o capital, o poder, fosse com seu embelezamento, fosse com seus recursos tecnológicos instrumentais.

Mas deixemos de lado as questões ideológicas e as incongruências cronológicas, para nos deter naquilo que nos interessa neste *paper*, isto é, ressaltar a figura de um político paraense, na medida em que suas ações significaram ou contribuíram positivamente para a criação e/ou consolidação das artes e seu ensino no Pará do final do século XIX.

No texto *Academia de Belas Artes na Amazônia*⁵, apresentado no *Primeiro Colóquio Nacional de Arte Brasileira Século XIX*, esboçamos a trajetória do esforço histórico levado a efeito no Pará para a criação de sua tão sonhada academia, momento em que verificamos que é justamente em 1841, com a criação do Liceu Paraense, que Belém dá o primeiro passo institucional para o ensino sistematizado das artes, mas que somente se fará realidade, lamentavelmente efêmera, em

> fundador da Academia Paraense de Letras do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Escreveu: *De Belém a S. João do Araguaia – Valle do Tocantins*, 1910; *Sur Le Progrès de l'Amazonie et sur ses Indiens*, 1910 (Anais do Congresso Internacional de Americanistas, Leepzig) etc.

⁵ In: CAVALCANTI, A. M. T.; DAZZI, C.; VALLE, A. **Oitocentos** - Arte Brasileira do Império à Primeira República. Rio de Janeiro: EBA-UFRJ/DezenoveVinte, 2008, p. 100-106.

1863 por força da Lei nº 433 de 31 de dezembro⁶ quando cria-se a cadeira de pintura e desenho cuja a responsabilidade caberia aos mestres treinados e/ou vindos de fora, como foi o caso de David O. Widhopff.⁷ Ora, numa das tentativas de se criar a academia, considerava as possibilidades que as feiras ofereciam para a divulgação e aquisição de obras de arte que dariam suporte para os seus alunos. Tais feiras foram realizadas em espaços diferentes: a primeira foi montada no Colégio Nossa Senhora do Amparo, a terceira no Lyceu Benjamin Constant.

O livro de Moura, que trata da exposição de 1895 realizada no então Liceu Benjamin Constant, faz referência à exposição de 1877 (segunda exposição) que fora realizada no Palácio do Governo, justamente o fragmento da História que iremos destacar nesse estudo.

De fato, José Coelho da Gama e Abreu [**Figura 1**] “com superior critério e provada honradez”⁸ governou o Pará no período de 1879 a 1881 quando resolveu realizar a Exposição Artística e Industrial no Palácio do Governo, haja visto que a primeira edição do evento ocorrera no Colégio Nossa Senhora do Amparo. Tal decisão, entendemos, revelou o homem interessado pelas artes que era Gama Abreu, gestor público que, ao final de seu mandato de governador, devido aos serviços prestados a nação, recebeu do imperador D. Pedro II, o título de Barão do Marajó.

Gama Abreu⁹ estudou os cursos primário e secundário em Lisboa e teve sua formação na Europa interrompida por moléstia que o obrigou a voltar para o Brasil. Depois de recuperar a saúde e aos dezessete anos retornou a Portugal formando-se em Filosofia e Matemática pela Universidade de Coimbra. Retorna novamente ao Pará em 1855 quando inicia suas atividades docentes lecionando Matemática no Liceu Paraense. As atividades de Gama Abreu como profissional foram marcadamente frente a obras de grande importância para a cultura local, tais como, o Bosque Rodrigues Alvez, o Palácio Antônio Lemos e o Teatro da Paz, empreendimentos que fizeram parte de seu currículo tanto como engenheiro como gestor público.¹⁰

Depois de proclamada a República, filiou-se ao Partido Republicano e foi eleito intendente de Belém, exercendo esse cargo até 1893. Viajou para os Estados Unidos como membro da grande

⁶ Cf. REGO, C. In: **Subsídios para a História do Colégio Estadual Paes de Carvalho**. Belém: EDUFPA/L&A Editora, 2002 p. 221.

⁷ Idem, p. 26.

⁸ Cf. **Catálogo da Primeira série de uma galeria histórica**. Org. pelo Instituto Historico e Geographico do Pará, no salão nobre do Theatro da Paz, a 6 de março de 1918, para solenizar o primeiro aniversário de sua fundação. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1918 p. 63.

⁹ Nasceu na então Província do Grão-Pará em 12 de abril de 1831, filho de José Coelho da Gama e Abreu, ex-oficial da Marinha, e Anastacia Michaela da Gama e Abreu.

¹⁰ O barão do Marajó foi quem presidiu o júri que escolheu o melhor projeto para o Monumento à República em 1891, certame internacional levado a efeito no período de sua intendência municipal. Com referência a tal monumento e sua importância cultural e política para os ideais republicanos no Pará, CELHO, Geraldo Mártires, em **No coração do Povo - O Monumento á república em Belém 1891-1897**, 2002, traça significativo estudo.

comissão que representou o Brasil na exposição de Chicago, no ano seguinte. Abreu, reza sua biografia, foi membro da Sociedade de Geografia de Lisboa.¹¹

Dentre as obras de sua autoria destacam-se: *As regiões amazônicas, Do Amazonas ao Sena, Bosphoro e Danubio, Estudo chorográfico sobre o Pará, As Províncias do Pará e Amazonas e O Governo Central do Brasil*.¹²

Na obra *As regiões amazônicas: estudo chorográfico dos Estados do Gram Pará e Amazonas*, editada originalmente em Lisboa, encontramos o espírito humanístico de Gama Abreu e sua preocupação para com as artes. Vejamos o que diz sobre o Estado do Pará em seu cenário artístico, o político historiador: “[...] A Capital do Estado do Gram Pará, ainda há 40 anos bem pouco conhecida, começou a ter uma verdadeira importância pelo lado commercial de então para cá, pois pelo lado artístico e industrial nada ainda tem de notável [...]”¹³

Em outro trecho Gama Abreu relata a discrepância que percebia entre o crescimento, o embelezamento da cidade de Belém e as artes: “[...] Com o engrandecimento e florescimento da província, o crescimento e embelezamento de Belém, sua capital, era infallível; infelizmente porém as artes ainda não tinham feito sentir seu agradável influxo.”¹⁴

No texto, em seqüência, Abreu demonstra o seu olhar de historiador detalhista sobre as questões urbanas, mas, principalmente, sobre a cultura quando destaca o esforço do governo em mandar a juventude paraense estudar, inclusive arte, fora do país:

[...] Posteriormente, depois da revolta chamada a cabanagem, em 1835, e sobre tudo depois da criação da Companhia de Navegação e Commercio do Amazonas em 1850; raiou uma nova era de prosperidade para Belém que até hoje não tem sido interrompida, [hoje: 1895 – Lisboa] as construções de taipa e frontal foram feitas com pedra, cal e tijollo, as fortunas crescendo, as relações com o estrangeiro aumentando, crescido numero de rapazes tendo viajado e estudado diferentes sciencias e artes, a iniciativa mais pronunciada do Governo do Estado e de Municipio traçando bairros novos, e calçamento da cidade, e sua illuminação pelo gaz, a introdução de boa agua potavel, tudo contribuiu para melhorar material e moralmente a cidade de Belém.

O apreço pela cultura e pela instrução pública se explicita na crítica que o Barão do Marajó faz do período imperial em Belém em seu texto de 1895:

¹¹ Cf. BLAKE, A. V. A. S. **Diccionario bibliográfico brasileiro**, 1889.

¹² Cf. ABREU, Jayme. In: **A Exposição Artística e Industrial do Lyceu Benjamin Constant – Os Expositores em 1895**. Belém: Diário Oficial do Pará, 1895, p. 63.

¹³ Cf. ABREU, J. C. da G. A. **As regiões amazônicas: estudo chorográfico dos Estados do Gram Pará e Amazonas**, 1992 p. 382.

¹⁴ Idem, *ibidem*, p. 384.

*Nos theatros informes, de madeira, appareciam de vez em quando uns berradores que se intitulavam companhias dramáticas. Companhia lyrica apenas até 1850 aparaceram uma de quatro figuras que viam dar-se os foros de companhia. Os circos que funcionavam eram volantes; os carros públicos não passavam de dez ou doze; [...]*¹⁵

Gama Abreu não deixa de registrar sua visão sobre o clima que pairava sobre o campo político belenense que, parece, não mudou muito até os tempos atuais: “A mesma vida política era, podemos bem dizer, bárbara; os jornaes eram o esgoto em que os ódios políticos e os particulares eram lançados de envolta; a discussão raras vezes escapava o azedume da invectura, da injuria e até do insulto [...]”.

O que o Barão do Marajó registrou no capítulo, *Progresso e Desenvolvimento da Região Amazonica*, de sua obra, *As regiões amazônicas: estudo chorográfico dos Estados do Gram Pará e Amazonas*, criticamente sobre o passado recente da cidade, que também governara, demonstra certa coerência com as ações concretas pró-cultura que o mesmo executou quando de sua atividade política, de gestor público e de cidadão. Note-se o quanto interessado demonstrava ser o Barão pela educação e por todas as formas de arte, destacando a importância das mesmas, no excerto abaixo, para o “crescimento das almas amazônicas”:

A instrução popular era insufficiente, pequeno o numero de escolas publicas e particulares; os professores na maior parte inhabeis, ou nomeados sem provas de habilitações litterarias; o numero de disciplinas insufficiente, o que obrigava os paes a mandar os filhos para o estrangeiro, isto mesmo exigindo para elles apenas a instrucção que é dada nos lyceus. O ensino pratico mais racional era inteiramente desconhecido, nem uma escola de desenho ou pintura, apenas no colégio do Amparo havia uma escola só pra allunas em que se ensinava alguns traços incorretos, e o mesmo para o desenho.

Da música propriamente dita nem a intuição della creio que existisse, pois que nossa população que tantas disposições tem para este ramo das bellas-artes ainda não tinha ouvido, e nem fazia Idea do gráo de belleza e do encanto que se pode achar na boa execução artística de um escolhido trecho, quando bem executado, ou de uma fragmento de uma boa opera.

A dança também não mostrara suas difficuldades o que não deve admirar, quando vemos acontecer isto com povos, cuja civilisação começou muito mais longe.

Certamente se considerarmos o Barão do Marajó como um homem de visão alargada e preocupado para com as artes, era de se esperar que o mesmo, em seu governo do Estado, permitisse que a Exposição se realizasse no Palácio e não mais num colégio. Com este fato ocorrido em seu governo - a transferência da exposição que havia sido realizada anteriormente em um colégio para o Palácio do Governo, Gama Abreu projetou luzes sobre as Exposições Artísticas e Industriais,

¹⁵ Idem, ibidem, p. 386.

traduzindo assim a sua preocupação e visão em relação aos eventos e às atividades artísticas que as alimentavam, por entendê-las de suma importância para o Estado e para a cidade.

Assim se realizou a segunda exposição, todavia, até o presente momento, não se tem registros iconográficos sobre a mesma¹⁶. Sabe-se, porém, que além de produtos agrícolas e industriais e de manufatura, obras de arte de autoria de pintores e gravadores de expressão no campo cultural belenense eram expostas em suas hostes. Paolo Ricci em seu relatório entregue a FUNARTE na década de 1970 destaca que da feira participaram Constantino da Motta com pintura e Karl Wiedgant com litogravuras [Figura 2].

Os reflexos dessa feira, cuja sede foi o Palácio do Governador, parece ter surtido efeito no campo cultural belenense, apesar do intervalo de quinze anos entre esta última e a exposição de 1895. Em 1890, no Liceu Paraense, por exemplo, instala-se um embrião de uma academia de belas artes cujo seu presidente foi Maurice Bleise. Nessa academia eram ensinados o desenho, a pintura e a escultura, porém em período noturno. Além de Bleise, destacavam-se entre seus professores Pedro Chermont e Luigi Libutti [Figura 3]. O envio de pensionistas para o estrangeiro é finalmente regulamentado e a Exposição de 1895, da qual trata Ignacio Moura, teve grande participação de artistas locais e de artistas de outros estados e de outras nacionalidades que por Belém passavam ou ali fixaram residência, tais como: João Corrêa de Farias, Corbiniano Vilaça, Augusto Escobar de Almeida, Carlos Azevedo, Antônio Pereira Lopes, Manuel Simplicio Torres, José Girard, Karl Wiedgant [Figura 4], O. Whidhopff e De Angelis.

A Exposição de 1896 deveria ter projeção nacional, seria a Exposição Amazônica que congregaria os Estados do Maranhão, Pará e Amazonas. Para tanto, Lauro Sodré deu todo o apoio político e logístico para o evento, uma vez que o mesmo deveria ser um preparativo para a grande exposição Americana no Rio de Janeiro e quiçá para a Universal de Paris em 1900, todavia depois desta mostra, nenhuma outra exposição similar, a partir de então, se fez em Belém.

Após deixar o cenário político *stricto sensu*, o Barão do Marajó continuou em suas ações pró-ativas à cultura e às artes. Fez parte como sócio fundador¹⁷ (não remido) da “Sociedade Propagador de Ensino” que tinha como objetivo principal divulgar o ensino teórico e prático para as “classes proletárias e ocupadas da sociedade”. Em 9 de julho de 1891 a convite do Governador do Estado, Dr. Lauro Sodré, se fez a proposta da criação da sociedade e em seguida a proposta de criação do Liceu de Artes e Ofícios denominado, Lyceu Benjamim Constant.

¹⁶ Cf. MOURA, op. cit., p.23 .

¹⁷ Idem, ibidem, p. 21.

Instalada em 16 de novembro de 1891¹⁸, a Sociedade Propagadora do Ensino, composta por um considerável número de pessoas ilustres e influentes da cultura local, serviu de matriz para a Sociedade Propagadora das Belas Artes que exerceria o papel de mantenedora, juntamente com o Governo do Estado, da Academia de Belas Artes que funcionou no Prédio contíguo ao Lyceu Benjamin Constant. Tal instituição, segundo Moura, deveria desde a sua criação adquirir obras de arte para a sua pinacoteca para que servissem de exemplo para os seus educandos. Portanto, os certames de produtos agrícolas, industriais e artísticos seriam, idealmente, a fonte e o meio para a aquisição de obras e para a publicação dos trabalhos dos novos artistas egressos da Academia.

O Barão, na qualidade de lente do Lyceu Paraense, mesmo sendo um matemático e historiador, certamente, muito contribuiu para que as idéias e os projetos relacionados ao ensino das belas artes fossem levados adiante em Belém. Em sua formação humanística, na sua experiência no exterior e como viajante da Amazônia, assim como na sua participação política, está presente a base de sua visão sobre a cidade de Belém e a Região Amazônica, em seus múltiplos aspectos culturais, o que o credencia ao título de homem de destaque na cultura no paraense.

A guisa de conclusão, é mister declarar que estas notas laudatórias sobre José Coelho da Gama e Abreu não se esgotam nessas linhas e que a provocação de outras discussões sobre a formação versus ação de nossos políticos brasileiros, hoje e de antanho, são fundamentais para se entender melhor o estado da arte ontem e seus impactos hoje. Alguns homens subtraem a cultura extraíndo sementes fundamentais para o engrandecimento da humanidade, mas há outros que plantam sementes que germinam mesmo em solo árido, porque foram cultivadas na quantidade e nas circunstâncias do *hic et nunc*.

As luzes que merecia essa figura política no cenário das artes paraense, nesse *paper*, foram ainda, consideramos, dado ao limite epistemológico aqui definido, limitadas, embora tenha desvelado as ações e o pensamento de um homem que traduziu toda a sua formação humanística e seu amor, desdobrado em conhecimento, em ações com reflexos positivos para e por sua terra natal.

È notório que por detrás dessas ações e decisões assombram-se interesses pessoais, características de todo homem político. Gama Abreu, certamente, tinha os seus defeitos, porém não tornou apoucada a sua perspectiva de entronizar a arte no lugar que merecia em seu tempo e lugar. Com a decisão de levar a exposição artística e industrial para um prédio signo do poder e de importância, Gama Abreu resignificou o campo cultural paraense, àquela época, carente de sensibilidade e de projetos culturais que tratassem de soerguer as artes, uma vez que o progresso, em

¹⁸ Idem, *ibidem*, p. 85.

franca consolidação pelas vias da economia gomífera, precisava do conhecimento que as artes poderiam proporcionar na indústria e no comércio.

Assim como o efeito da ação do ladrão inglês só se fez sentir mais tarde, o trabalho do Barão repercutiu por muitas décadas servindo de contra-refluxo à crise econômica que tingiu e atingiu o campo cultural no Pará, dando esteira a um processo de franca resistência cultural.



Figura 1 - José Coelho da Gama e Abreu, Barão do Marajó.

Reprodução de foto do Acervo Victorino Coutinho Chermont de Miranda, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, In: CRISPINO, L., BASTOS, V., TOLEDO, P. **As origens do museu Goeldi** – Aspectos Históricos e Iconográficos. Belém: Paka-tatu, 2006.

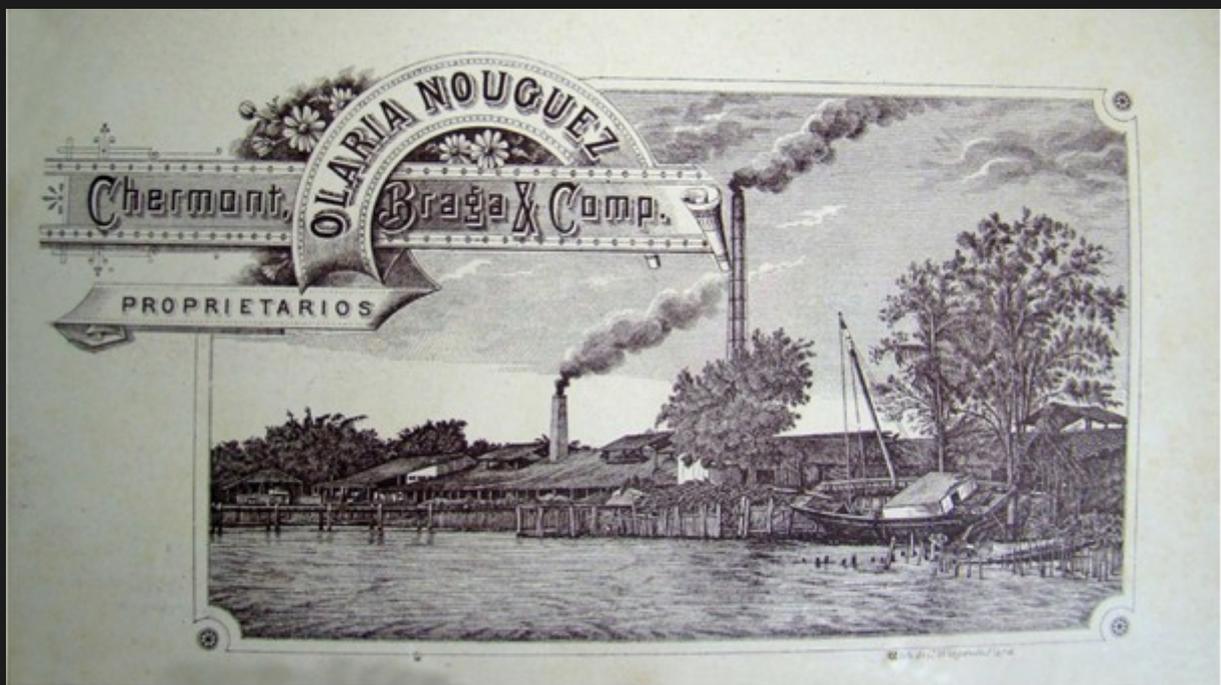


Figura 2 - WIEDGANT: S/título, c. 1880.

Ilustração da publicação de MOURA, Ignacio, **A Exposição Artística e Industrial do Lyceu Benjamin Constant – Os Expositores em 1890.**

Belém/PA, Biblioteca Arthur Vianna.



Figura 3 - LIBUTTI: *Estudo*, 1897.
Ilustração, aquarela, do manuscrito da Coleção Haroldo Maranhão.
Belém/PA, Biblioteca Arthur Vianna.



Figura 4 - WIEDGANT: *Estudo*, 1897.
Ilustração, aquarela, do manuscrito da Coleção Haroldo Maranhão.
Belém/PA, Biblioteca Arthur Vianna.